

JOAQUIM LEITÃO

GUIA ILUSTRADO DE

# ESPOZENDE



Nô CAVADO: — Á VARA

EMPRESA EDITORA DO GUIA ILUSTRADO  
DE PORTUGAL — 1908.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFICINAS DA  
EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA —  
178, RUA DE D. PEDRO, 184 — PORTO.

PHOTOCOPIAS DOS DISTINCTOS AMADORES  
EX.<sup>mos</sup> SRS. DR. JOSÉ DE BIANCHI E LUIZ  
FERRAZ E DE CARLOS PEREIRA CARDOSO,  
COLLABORADOR ARTISTICO DA «ILLUSTRA-  
ÇÃO PORTUGUEZA». — GRAVURAS DE MAR-  
QUES D'ABREU & C.<sup>a</sup>

## Obras originaes de Joaquim Leifão

- O Almirante dos Mares Orientaes** — 1898, S. Paulo — Brasil. — 3.<sup>a</sup> edição. Esgotada.
- A Peste** — Pamphletos, 1 vol. collecção completa, 500 reis — 1899-1900. — Lisboa.
- Do Civismo e da Arte no Brasil** — 1 vol. 1\$000 reis — 1900 — Lisboa.
- Os Filhos de Ignez de Castro** — Romance historico em collaboração com Faustino da Fonseca — 1 vol., 800 reis — 1905 — Lisboa.
- D. Carlos o Desventuroso** — 1 vol., 600 reis — 2.<sup>a</sup> edição — 1908 — Porto.
- Povoa de Varzim** — (Guia Illustrado), 200 réis, 1907 — Porto.
- Caldas de Vizella** — (Guia Illustrado), 120 réis, 1907 — Porto.
- Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores** — (Guia Illustrado), 300 réis, 1907 — Porto.
- Barcellos** — (Guia Illustrado), 300 réis, 1908 — Porto.
- Espozende** — (Guia Illustrado), 300 réis, 1908 — Porto.

### NO PRÉLO:

- O Varre Cannêlhas** — Novella.
- Os Culpados** — Contos.

### Obras traduzidas:


- A Resurreição dos Deuses** (Vida de Leonardo de Vinci), por Dmitri Merejkowski. 1902 — Lisboa.
- Urbi et Orbe** — Romance dos tempos post-neronianos, por Albino de Cigala — 1903 — Lisboa.

### Collecção Tolstoi:

- A Felicidade Conjugal**, 1904. 1 vol. 600 reis.  
As memorias do Conde Leão Tolstoi em tres novellas:
- A Infancia**. 1904. 1 vol. 300 reis.
- A Adolescencia**. 1904. 1 vol. 300 reis.
- A Mocidade**. 1905. 1 vol. 500 reis.
- Os Cosacos**. 1905. 1 vol.
- Polikouchka** — 1 vol. — 1906.
- Sebastopol** — 1 vol. — 1906.
- Os Cavalleiros da Guarda** — 1 vol. — 1906.
- A Morte** — 1 vol. — 1907.
- Correspondencia de Tolstoi** — 1 vol. — 1907.

### Collecção Paulo Mantegazza:

- Os Caracteres Humanos**. 1904. 1 vol. 700 reis.
- O Elogio da Velhice** (com uma carta em *fac-simile* de P. Mantegazza dirigida ao traductor) 1905. 1 vol.
- A Fisiologia do Odio** (no prélo).

Dr. Álvaro Neves  
com a est. e  
adesão de  
  
1982



PONTE SOBRE O NEIVA  
Limite natural dos concelhos de Vianna  
e Espozende

## ESPOZENDE

Entre terras de Barcellos e o mar, o concelho de Espozende tem, principalmente, a inculcar ao nosso encanto uma tira de costa que das aguas da Povoação corre até o Neiva, e de que destacam três segmentos de curva emendados uns nos outros: Espozende, Fão e Apulia.

O nódulo central é a continuação do Minho: vinha, pinhal, cultura, farta pradaria, a mesma luxúria minhota, sem nada a mais que a caracterise ou tenda a dar-lhe notáveis figurações de independência.

A zona costeira, essa sim que é pessoalíssima.

Espozende é a deposição do chinelo murmurador, a revolução da vida provincial portuguesa.

Fão é um símbolo do esforço individual, a mais adeantada, talvez, das freguezias rurais de Portugal.

A Apulia é uma sobrevivência romana estratificada entre médias de trigo e tractos de gódos.<sup>1</sup>

Espozende importa-nos não pela sua árvore genealógica, não pelos seus decimos-quintos avós,<sup>2</sup> não pela sua categoria de cabeça comarcã, mas pela tendência que acusa para se distanciar do que, em regra, se entende por «terra de provincia».

1 Seixos.

2 Os excavadores de monographias não se contentam em urdir só uma teia de hypotheses. Mettem-nos logo o juizo nas malhas de duas ou três supposições; assim, a respeito de Espozende sóbram os calculos e escasseia a certeza. Para uns os primeiros povoadores haveriam descido, ahí pelo sec. XVI, das Marinhas, hoje freg. do conc. de Espozende; outros vão buscal-os a bordo das naus corsarias que uma tempestade desfaria em esqueletos de cabanas onde o naufragio os mandaria acoutar, e que, fundando assim a povoação, lhe poriam o nome d'um dos seus — *Espozente* — A filiação nas *Marinhas* parece derrocada de todo pelo camartello d'este argumento: ter-lhe sido dado foral em 1572 e já haverem os povos reclamado a D. João III esse privilegio. J. A. Vieira, o autor do *Minho Pittoresco*, dada a então navegabilidade do Cavado, admite uma estação naval romana, originaria.

Coisas de pergaminhos que pouco ou nada interessam a quem apenas demanda o enlevo ou o repouso do espirito!...

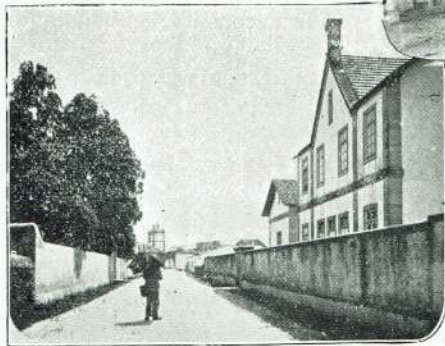
A sua téla local, o seu primeiro aspecto de villa é, posto que interessante, descaracterístico.



Tanto pôde ser a Povoia, um trecho da Foz-velha, uma quadricula d'Espinho como Espozende.

Sobre uma fita de planura — que panoramicamente se domina da varanda pharoleira do *Salva-vidas* — rente ao Cavado, Espozende traçou duas paralelas, que determinam o seu alongado panorama

de album, por onde a casaria se agrega sem grandes ufanias de pé direito e que apenas se eleva nas torres da Matriz e numa que outra casa, telhada mais de fresco.



Passeada, ao apearmo-nos da diligencia de Barcellos ou da Povoia, Espozende tem todo o perfil das povoações piscatorias: calada, pouco transitada, formada, no geral, de habitações baixotas, de pouca luz e menos ar, donde ao domingo exsudam mornidões de banza ou melancolias de harmonio que commandam uns tristes pares dansaricando na

restricta area d'uma salêta com avarezas de alcôva, em vez de virem cá para fóra bailar ao ar livre, nas ruas tam desocupadas que, nesses dias de guarda, raparigas nubís jogam a pélla em plena calçada, animando-a ephemeramente com estouvadas e graciosas attitudes.

Um contraste, logo: a noção de summaria limpeza dos interiores de maritimos que, saltando da amplidão oceanica, se enroscam na sua concha de porão, e esse es-



crupulo das ruas varridas. E' o vento que substitue a melhor vassoura municipal e que não consente parados um papel ou uma folha sêcca. Isto, com a cal dos exteriores, dá-lhe uma expressão de claridade e limpidez, essa sensação de limpeza habitual que ha nas casas grandes onde os criados são muitos e as creanças poucas.

Sem esses ranchos de pescadores, a discutir, encostados pelos caes, a maré e o tempo; sem esses presepios de creançada e de mulheres tisnadas pelo ar salino, aninhadas pelos degraus das tocas, Espozende daria a impressão perfeita d'uma povoação abandonada.

Afinal não só é habitada mas habitada de trabalhadores que se erguem de noite e que quando os mais se levantam já elles se deitam, esfalfados da tarefa cumprida.

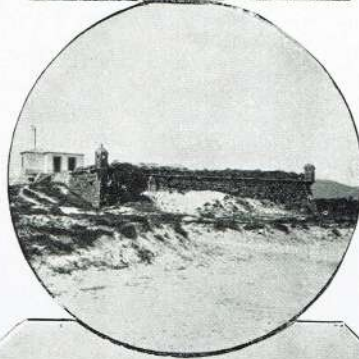
De madrugada, antes mesmo da madrugada, ahí por noite velha, duas para as três horas, sombras de homens descalços, boina e blusa de baeta aos quadros, e mulheres de pés nús, saias escuras arregueifadas na cinta, á varina, perpassam com a ligeireza deslisan-

zig-zag, como para a experiencia d'algum bioelectricista, lavadas, salgadas, a secar, para fumeiro dos pescadores e embarcações.

Só pela tarde se tornará a sentir movimento se os barcos adregam de tornar com pescaria.

A zona arruada, limpa de gente, essa ainda mais melancolica é.

Com a sua *Assembleia* e o seu *Café*, Espozende mal se distinguiria da pasmaeira de provincia turrando sobre o noticiario das folhas ou assobiando o *Rei-che-*



MONUMENTO A ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO  
— O FORTE — NO CÁVADO

te de allucinações, direitos ao caes, batem em casas de meias portas, a chamar o camarada da companhia:

— « Antõho! . . as duas horas !... » e continuam a caminhar aos pares sem se lhes sentir as passadas, a conversar sem se lhes ouvir as vozes, tre-nados nesse habito profissional de comunicar a distancia, através o ganir do vento e o altercar da vaga.

Quando o sol descobre já os encontra a elles lá p'ró mar de Vianna e a ellas lá p'rá estrada de Barcellos, a vender uma canastra de capatões ou um cabaz d'enguias.

Arvoradas nas trapeiras ou enforcadas em cabos nos terraços e beiras de muros, embandeiraram, em dias de fartura, esse quadro maritimo, pernadas de raia, cortada em

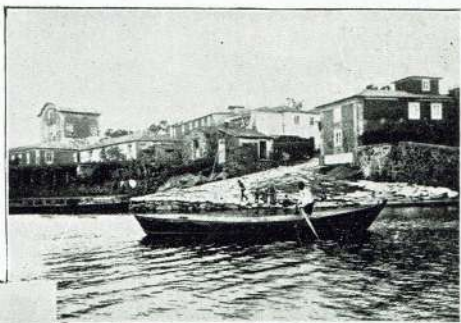
*gou*, abobáda nos taboleiros de damas. Ao sentir o olhar da rua Veiga Beirão trespassar-nos — de dentro das suas lojas — o nosso anonymato de forasteiro, di-zêmos com Deus e comnosco:

— Terra de provincia!... má lingua de pharmacia!... —

Vae-se a vêr, Espozende já não é essa terreola de provincia que Julio Diniz e Ramalho encontraram pelo paiz fóra no seu caminho de observadores, cocando de dentro das empanadas o menor vulto de escandalo, como moscas gulosas zum-bindo em cibos d'esterco.

Espozende não vive em chinelos e casacão, a murmurar da filha do coronel ou da cunhada do juiz, a curtir odios vicinaes ou a beber o fratricidio pelas tascas.

Tem um *córte de tennis* entre um pelotão de pinheiros apaziguadores.



A BARCA DO LAGO



MARACHÃO

Isto responde pelos espozendenses.

Não se póde jogar o *tennis* e simultaneamente passar horas a espiar por trás d'um muro ou de dentro do carapuço d'um varino.

O homem que está habituado a annunciar lealmente o lançar das bolas-de-serviço — «*plaid!*» — e corre duas horas num *tennis*, além das

qualidades moraes e sociaes que possa ter, passa a dispôr das nobres qualidades physicas que o movimento cria e que o impossibilitarão de se acocorar ao fogo do escandalo, a distillar a intriga e a bebel-a gotta a gotta, como o negro d'Africa a distillar e a escorropichar as suas borbulhas d'alcool.

Um *córte de tennis* é o foral moderno, prerogativa bastante para se considerar um povoado; mas antes mesmo de o encontrarmos em Espozende, uma *sympathia* se sente por esta socegada povoação que nos não exige luvas nem deixa as senhoras andarem de chapéu.

O seu mesmo ar despovoado de cidade morta é que captiva os nervos a que já restam poucas praias obscuras sem as campainhas do cinematographo, sem o pó dos casinos, sem o *zapateado* das bailarinas com que os batoteiros entretem as pobres familias dos que elles assaltam nesse roubo a que convencionaram chamar rolêta, monte, azar.

Fóra dos mezes de caça, em que os *tarascons* de todo o norte caem sobre as perdizes e sobre os milhos dos pobres lavradores, oito dias no *Hotel Central* — um paraizo de terceira ordem a sete tostões por cabeça, — não deixam de ser pittorescos, perdoando-se o esquecimento do confôrto em louvor d'aquella faculdade de



Soberbo trecho de caminho por areal  
entre FÃO e APULIA

vêr da janella as latinas entrarem a barra, de sahirmos pela fresca, com o fato de andar por casa, até o caes, a considerar o poente, de vagabundear pela alamêda ou pela estrada de Vianna, entre pinheiros, em horas de luar, de se ser poeta, de se ser livre.

E quando uma saudade de arte entrar a definir-nos nessa localidade sem monumentos, sem fontes d'arte, é tomar a diligencia de Barcellos e ir a esse alfôbre de archeologia apanhar uma soalheira de glorias historicas ou então tomar um carro e bater esse trecho d'estrada de Espozende a S. Paio d'Antas, promessa da mais bella jornada de Portugal: a estrada real de Vianna a Cerveira.

O progresso industrial do concelho ali attestado nas fabricas de manteiga de S. Paio, nas suas fabricas de serração, não logra captar-nos o cuidado: o que o nosso enlevo quer é banhar-se no mar que córre ao lado do trem, descançar no pedacinho de cultura que debrua a estrada, com sementeiras no areal da margem, com sombras na rechão do monte, adorar a mulher portuguêsa naquelles exemplares escorreitos das moças de *Fonte-Boa* que passam á sóga, desenxovalhadas, disfarçando as suas fórmãs de creadeiras nos trajes escuros de povoação meio-ribeirinha, meio-lacustre, e encobriendo sob a aba do chapéu, — com o espelhinho ou medalha de folha doirada na fita da copa, — os olhos acastanhados de femea brava.

E quasi satisfeitos de que o que Espozende tem para nos amostrar não n'o haja dado a Politica nem a imperfeita arte dos homens, mas a arte impeccavel da natureza, volvemos, d'esse jejum de monumentos e de erudição, preparados para a visitação aos santos logares das duas bellezas tradicionaes: a *Barca do Lago*, e o *Marachão*.

A *Barca do Lago* ou *Barca do Por Deus*, — ancorada dia e noite num pégo do Cavado (a meia legua da foz, entre Fão e Espozende) onde Nossa Senhora surgiu, d'essa concha natural, na rêde d'um pescador, — noutros tempos servia *Por Deus* os romeiros que queriam transpôr o lago.

Mesmo fóra da romagem que o primeiro domingo d'Agosto faz ao sanctuario da Senhora do Lago, erigido pelo Milagre, embarcação que o estaleiro aprompte, na sua primeira róta aprôa á *Barca do Lago*, toda luzida, a offertar á Senhora a véla e a vida, e a receber a sua benção das mãos do mesmo sacerdote que aos seus mareantes officiar.

Hoje, a *Barca do Lago* cobra a portagem; mas aquelle madeiro, edoso, e gradeado como ponte de barcas, ainda nos leva pela sua tradição candida a fazer a inutil travessia das suas taboas que um velhote torneia com a vara de modo a, quando a prôa vira, já a pôpa estar encalhada na areia da outra margem como se um eixo a atravessasse a meio da quilha.

Logarejo poetico da freguezia de Gemêzes onde se póde chegar de carro pela estrada de Barcellos até entroncar com a de Gemêzes, é preferivel ir vê-lo á véla, pelo Cavado, espreitando o sorrir da maré, por môr do terrivel assoriamiento do rio que vai cheio de *corôas*, quasi inavegavel para quem nelle se não haja creado. E é ainda preferivel ir por agua, para se seguir logo da *Barca do Lago* para o *Marachão*, refugio cheio de sombra, dono de três lagôas cobertas d'uma nata de nenuphares para cujas margens remam *pic-nics* e idilios ou simples peregrinos da paisagem.

Ao descer o Cavado, Fão tornará a chamar por nós estendendo-nos os seus acolhedores desembarcadoiros, mas a falta d'agua que póde encalhar-nos nalguma corôa d'areia não nos deixa acceitar o convite. Repousa-se, e no outro dia de manhã, mesmo a pé, faz-se esse quarto de hora que, a passo d'anjinho, leva de Espozende a



# FÃO



PONTE DE FÃO E ESPOZENDE

para onde nos passará uma solidíssima ponte.

Ao acabar d'esse passadiço, é raro não se topar o cavername de qualquer nave em construcção, marcando a jazida dos estaleiros de Fão que outrora arma-

ram as frotas ambiciosas e missionarias da patria e que a navegação a vapor reduziu a um mesquinho arsenal de *laitas*, destronando a sua industria de construcções maritimas, ultima das primitivas e fortes industrias de Fão que o tempo abalou e sumiu, como a da cordoaria e as das marinhas de sal cujos dizimos já Affonso Henriques doava aos mostenses d'Abbadia de Bourou.

Tornada uma terra de mulheres e de velhos, houve que resignar-se a viver da exportação de braços, tendo aterrado com centenas, com milhares de vidas, devoradas pelo Minotauro da emigração, o pantano da sua crise.

Filhos do trabalho, terra de poucas fidalguias, embora antiga<sup>3</sup>, mostrando apenas um palacete brazonado, o da familia Villa Chã que forma uma das esquinas da Avenida Manoel Paes — a fronteira limitando-a o predio muito regular

3 Mais antiga do que Espozende, a sua origem nasce das trevas da lenda que lhe atribue a paternidade a Offir (4.º neto de Noé) que viria carregar o oiro das suas frotas a Fão, mandando-lhe « em troca uns famosissimos cavallos que um drama tragico-maritimo fez morrer no celebre recife d'esta lusitana costa e d'ahi o nome de Cavallos de Fão ainda hoje dado aos rochedos conhecidos dos mareantes, e... dos que na baixa-mar vão á pesca do saborosissimo marisco que por ali abunda. Fão, dizem agora os eruditos menos biblicos, foi a cidade de *Aguas celenas*, e o nome vem ou do rio Celano, hoje Cavado, ou da tribu dos celtas, que neste formoso sitio acam, pou. Assim podia ser: e provavel até se me affigura, que a existir uma cidade de *Aguas celenas* neste ponto da provincia, deveria ser aqui antes do que em Barcellos, cuja situação dista de Braga muito menos que a marcação dos estadios feita nos itinerarios de Antonino Pio, a qual, a ser verdadeira, vem a coincidir com a posição de Fão. Incontestavel, porém, é que romanos e gregos aproveitaram o seu porto então consideravel, especialmente os primeiros, que por tanto tempo dominaram a peninsula, partindo mesmo d'aqui uma das cinco vias romanas que iam a Braga, e isto nos basta para poder bater fé pelos pergaminhos da formosa Fão, hoje como então uma população maritima.»

(Da monumental obra *Minho Pittoresco*, 2.º vol., pag. 209, J. A. Vieira.)

do *Club Fãozense*, — não parece uma freguezia rural mas qualquer cidadezinha nascente do interior americano.

Simplemente, essa terra, hoje de capitalistas, nada tem que agradecer ao caciquismo nacional.

Assim, o *Hospital Asilo de S. João de Deus*, a alamêda, o abastecimento de aguas potaveis, a estrada até o mar, tornando praticavel a sua praia balnear, os altares da Matriz, a sua escola são presentes magnanimos dos filhos de Fão, entre elles o dr. Moreira Pinto — um *tripeiro* que ha trinta annos se naturalisou fãozense — e que, depois de plantar a alamêda de Fão, de sempre estar onde se montasse uma pedra ou se rompesse uma rua, tem pedido esmola para esse hospital modelar, com a pertinacia e a crença d'um franciscano esmolando para a grandeza da Ordem.

Terror dos navegantes da nossa costa que se temem dos *Cavillos de Fão* — penhascos que aguçam a dentuça numa fila de norte a sul — Fão é todavia, para quem passeia os seus arruamentos, um assombro e um exemplo sympathico do que pôde ser Portugal quando os portuguezes, em vez de procurarem empregos e venderem o voto em troco d'estradas ou de fontenarios, se resolverem a ganhar nas profissões liberaes o pão de cada dia e a aproveitar o seu tempo e a sua força de vontade, desprezando a Politica e amando as obras levantadas por sua mão e sua bolsa, no que sempre hão de gastar menos do que na vinhaça das eleições com que os politicos se pagam d'aquillo que o contribuinte já pagou e o Estado jámais entrega.

Basta miral-a d'essa desafoçada varanda do Hospital.

Toda Fão se mostra num grande e schematico Z cujo primeiro braço é a estrada que vem da ponte, o segundo o que vae d'ahi ao rio passando pela Matriz, o outro parallello á margem.

Recortada de montes, com campos molhados d'agua, vê desde o monte de Santa Luzia (Vianna do Castello) ao norte, até as areias poveiras.

Dona de casas magnificas, residencias palacêgas mesmo, solidas e vastas, já sem açudes que lhe forneçam energias gratuitas, Fão dispõe pela margem, ao favor da brisa, moinhosinhos de vento que lhe dão uma candura d'apontamento de tela desenhada por creança para brinde filial.

Ao pé das velas, em risco de as crestar com o seu halito ardente, fôrns de cal, uma das industrias do logar.

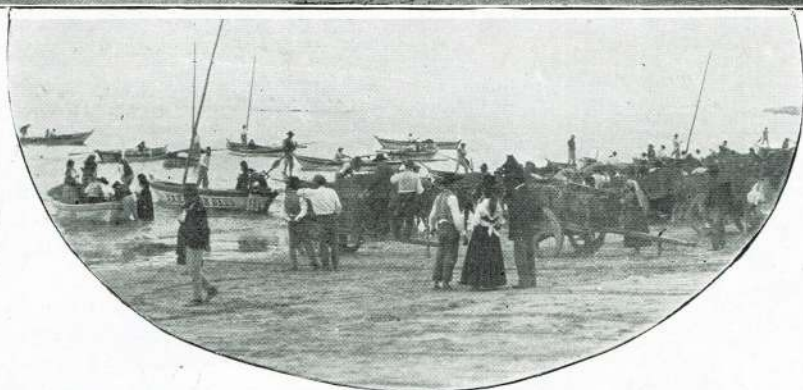
E, no meio da gramma viçosa e verde, o campo santo, cidade morta digna do faustoso architecto da cidade viva.

Do zimborio do Hospital, para poente, sobranceiro ao mar, entre tristezas de pinhal e solidão d'areias, Nossa Senhora da Bonança ampara, no seu pallio de fé, os que perigam no mar <sup>4</sup>. Está visto Fão.

Agóra ála para a Apulia, não pela estrada, que é um estirão desabrigado de sombra, mas pelo caminho velho, trecho de matta por areal fóra, o pinheiral formando tuneis rendilhados de sombra que, bruscamente, nos levarão d'essa umbella de pinheiros, sem horizonte, a um recanto de areal, em monte, onde adejam as cruces de Malta d'uma serie de moinhos de vento. E' o extremo norte da Apulia cuja enseada não tarda a entresorrir e onde á maré d'esta tarde ou nas aguas d'amanhã, o sargaceiro irá, para nosso gôso, colher a *Flôr de Maio*.

4 Um poeta regional, sr. Alvaro Pinheiro, em varias poesias suas — como a *Senhora da Bonança*, na «*plaquêtte*» *Nenuphars* e o *Poveirinho*, nas *Sonancias* — tem cantado a fé com que os crentes olham para a solitaria ermida da S.<sup>a</sup> da Bonança.

# A APULIA



ASPECTOS DA APULIA

é hoje como no tempo de Ramalho Ortigão, uma praia obscura cortada gracilmente em enseada, formando do mar á serra um systema de planos a que o córte

em amphitheatro, acompanhando o espreguiçamento da linha d'agua, dá o gravado poetico d'uma marinha.

O primeiro plano é o mar, um mar de saphira, um mar de lago, translucido, que só carrega o semblante glauco quando a borrasca o altera; no segundo plano, areal por onde botes humildes leiloam a phantasia orthographica dos seus patrões, como aquelle que no flanco d'estibordo declara:

« Sou o correio *jaral*  
não me posso demorar ».

no de bombordo:

« Ou passa ou deixa passar ».

Com esta divisa não podia deixar de chamar-se *A Belleza dos Amantes*.

Perpendicular á linha d'agua, em carreira como construcções no caes d'uma bahia, formando ruas para onde deitam tambem outras portas, casêtas de tecto palhiço guardam o arsenal do sargaceiro.

Para norte e para sul, a areia alteia em contraforte de fortim, d'onde pacíficos pannos de moinho signalam armisticios á Fóme.

Pelo terceiro plano rompe um kilometro d'estrada que liga á Apulia-velha a Apulia-nova construida, esta, sobre terreno herdado do mar pelo assoriamento do Cavado e que se accomôda entre as areias do segundo plano e a bocca d'esse caminho que vae entroncar na *carretêra* da Povia.

Pannos de fundo, ultimo plano, pinheiraes no valle, e, na serra, St.<sup>a</sup> Luzia ao norte, as Marinhas, Palmeira de Faro, Fão cá nos baixos, e outra vez nos acúmes Gemêzes, o Sameiro, a Franqueira, Fervença, Paradella e Laundos, todo o scenario immenso que fica entre estes « reguladores »: Vianna e a Povia de *Veracini*.

Que o mar já outrora passeou para lá da Apulia-velha dil-o o substractum de gódos que por qualquer córte de terreno se encontra, como no lanço da Povia, sobretudo nas alturas d'Estella; dil-o os olhos marinhos, communicações com o mar por infiltrações; e que ella é, de feito, uma sobrevivencia d'antigo e averiguado porto romano, dil-o o seu nome de baptismo que querem <sup>5</sup> lhe haja sido dado pelos romanos para preitar o nome da sua Apulia d'elles; dil-o o perfil e guarda-roupa do sargaceiro, mineiro do Atlantico que, sem perder a costa de vista, sem se afoitar a mais de vinte ou trinta metros da praia, extrae num mez o pão para todo o anno.

Que o sargaceiro, mixto de lavrador e de marítimo, é afinal um cavador que do leito arenoso sácca o seu sargaço como do seio da terra colherá amanhã o bôlbo feculento que a boa Mater lhe multiplicou.

E' mais um importador que um pescador.

Os seus depositos são o Atlantico, lá para o *Goolf-Stream* onde revoluteia o « mar dos sargaços » bem familiar aos nauticos. Os grossos temporaes, rolando as camadas oceanicas, desagregam grandes massas de argaço que, trazidas pelas ramificações das correntes do *Stream*, veem dar á nossa costa, sem que o sargaceiro gaste cinco reis nesse longo transporte transatlantico da sua carga.

Uma d'essas ramificações qualquer atira para o regaço da Apulia com den-

5 P. Leal e p.<sup>o</sup> Carvalho.

sos rólos de sargaço, sempre depois de temporaes, especialmente pelas trovoadas d'Agosto e Setembro.

E enquanto não entra o vapor — as borrascas de Maio ou o trovão d'Agosto — elle fica pelo campo, desinteressado do mar.

Chega Maio.

Renta, então, a praia e sem se afadigar, sem brigar como os pescadores na partilha do mar, um ou outro, mais precisado ou mais poupado, enfia a *branquêta*, põe a *ganchorra* ao hombro e vae pentear as algas para cima d'uma jançada.

E' quando elle cólhe a *Flór de Maio*, isolado, uma meia duzia de sargaceiros em toda a praia, destacado da grande massa que acóde ao argaço d'Agosto,



CARRÓS DE BOIS CARREGANDO «PILADO»

— que a figura do sargaceiro se estuda, se fragmenta e melhor se pôde focar esse typo e esse quadro regionaes que, embora se annunciem já pelo resto da costa, em nenhum trecho d'ella attingem essa ardente côr local e de *mise-en-scène* como nas aguas d'Apulia.

Vê-lo correr praia fóra, mar dentro, as prégas da *branquêta* ondeadas pela marcha, é ver a sombra d'um soldado romano.

A *branquêta* é uma sobrecasaca de lã grosseira, cingida ao busto como uma farda, terminando no pescoço por uma hirta gola d'uniforme e abrindo — da cintura ao joelho, onde termina — em farta roda, como um redingote de 1820.

Sem calças, sem camisola, a *branquêta* extreme no corpo e apertada por cinto de couro notavelmente largo, cuja fivella é um argolão de ferro, na cabeça um *suête*, um chapéu mole ou mesmo uma carapuça, o sargaceiro está muito longe do póveiro, do sanjoaneiro, do ovarino, de cujo misero aspecto, encolhido e andrajoso, o distancia e destaca aquella roupagem quasi marcial.

A *branquêta*, indubitavel deixa dos primeiros povoadores da Apulia, nunca podia ser o traço d'um pescador, d'um marítimo, assim comprida, assim rodada e justa ao busto. E a propria náu em que elles apanham o sargaço está a dizer que



aquillo não é gente que viva no mar e que do mar espere mais do que d'essa ajuda fortuita d'um vapor que, escouceado pelos *Cavillos de Fão*, dê á costa caixas de marrasquino ou fardos d'algodão.

Se é uma embarcação, é uma embarcação pequena, um bote quando muito ; mas o seu cavallo de batalha, é a jangada. E ainda não é a jangada d'Ulysses, abatida do roble centenário pelo machado mithológico. E' um estrado composto de feiras de dois ou três pequenos rôlos de casca de sobreiro, cylindricos como cortiços d'abelha, dispostos em três faxas longitudinaes e parallelas, contidas lateralmente por duas taboas, e o todo atravessado por dois toros de pinheiro que deixam para pégas as extremidades excedentes. Outras teem um rodado como car-



ASPECTOS DA APULIA NA APANHA DO SARGAÇO

ros tóscos de jardim, indo para a agua com rodas e tudo. Vê-se bem que não é náu para grandes tormentas.

O sargaceiro salta á borda d'agua, empurrando a jangada com o pé, ao embarcar, e deixa-se levar pela voluntariedade da vaga, sem se importar para onde, porque todo o seu cuidado é começar desde logo a esgravatar o argaço nas areias,

Sem rêmo, sem leme, valendo-se da propria vara da *gravêta* se quer nortear-se, de pé, nem o declivoso dorso da onda nem o embate da jangada nos penedos. o desequilibram.

Nem olha para o ceu, nem para a terra, nem para a náu.

O pescador está sempre de ôlho na rêde e coração no barco. O sargaceiro não; todo elle é um motor da *gravêta*.

E, como ao pescador, não o apoquenta a falha. Vivendo da terra tanto ou mais do que do mar, o sargaceiro não se rala, não vae requerer os elementos como o pescador.

Não ha sargaço?

Já houve. — Tornará a haver!...

Pelo primeiro sol da manhã ou pela agonia da tarde, de quando em quando, maio adeante, lá córre pela praia uma sombra crême: é o sargaceiro, que a illusão da perspectiva e o talho da *branquêta* engrandecem, esticando-o até a estatura de homem d'outras edades.

D'ahi a segundos, Hercules está exhumando da ondina as algas maiores — a *Flôr de Maio*, — cuja cabelleira os dentes de ferro do monstruoso pente da *gravêta* desnastram á luz, pingando perolas que tornam a cahir, como lagrimas de sereias, no cólo azul do mar.

Como o pescador do Sena que tem sempre a seu lado a companhia d'um *mirone*, o sargaceiro da Apulia nunca está só; quando elle amergulha a *gaiteira* na massa liquida, já outro sargaceiro, convocado pelo cheiro do argaço, corre para a baba da onda, os dentes d'um ancinho gesticulando ameaças ás algas na longa vara flexivel, presto a colhêr a *Flôr de Maio*.

Mas, dous, três, mesmo uma duzia de sargaceiros que as desordens de maio embarquem nas jangadas, leves como folhas enconchadas de nenuphars, todo esse recrutamento de pescadores da *Flôr de Maio* não é sequer um echo, um rastro da legião que as trovoadas d'Agosto conclamam á praia.

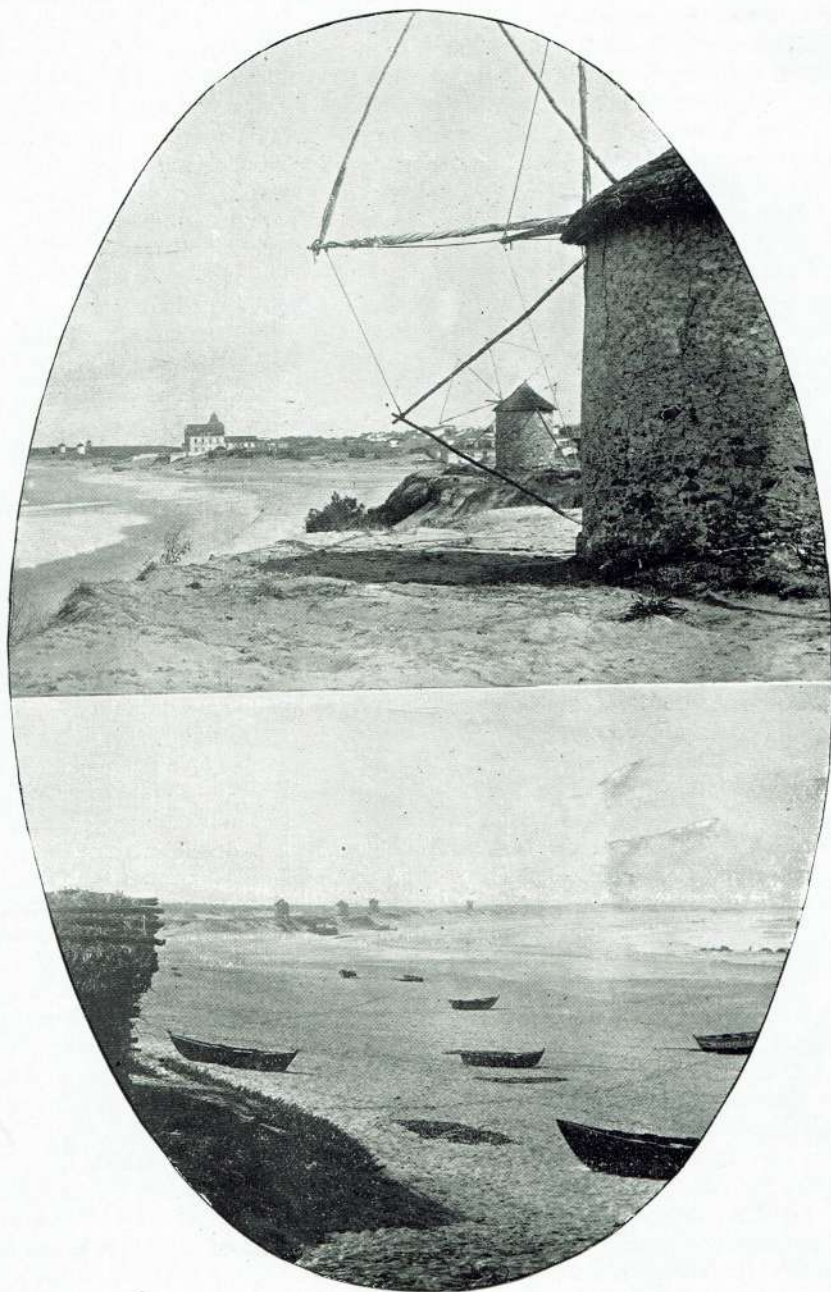
Quando apparece o sargaço, que um o vê, este põe-se ao largo, e d'ahi a pouco a Apulia despovôa-se, entra n'agua até o pescoço e, mesmo de pé, sem uma taboa de jangada, vão enganchando o argaço, como quem anedia a terra d'um canteiro com os dentes d'um ancinho, varrendo-o para sêcco, recuando para terra, até o depôr aos pés da areia.

Homens, mulheres, creanças, velhos, novos, tudo trabalha, tudo ajuda, tudo entra nessa comparsaria febril de labor costeiro, numa solidariedade de povoação rural a braços com um incendio.

Num ardor de construcção para certamen ciclico, balizas subitas delimitam a areia; e essas balizas, dentro das quaes se movem os sargaceiros da mesma familia, a cada lanço de *ganchôrva* vão accrescentando a prosperidade de novos andares ás suas tulhas d'algas, de limos, de toda a polychromica familia do sargaço, lucilando, crepitando como um rescaldo de matizes.

E então não ha horarios, não ha somno, não ha séstas; emquanto o mar dá argaço colhe-se, porque assim como vem, assim vae, assim como o trás assim o leva a onda vária.

Com as *branquêtas* enxarcadas, a cara burrifada, o corpo todo dentro da



ENSEADA DA APULIA, limitada pelos seus moinhos.  
OUTRO TRECHO DA APULIA: no primeiro plano, uma caseta de tecto palheiro



agua, vendo-se só á tona o cobre-nuca do *suéste* ou o perfil tisonado do sargaceiro, elle por lá anda uma tarde, um dia inteiro, ora tremendo, ora ardendo ao sol, explorando a areia, procurando o thesouro que o mar, inconstante e esphingico, não declara bem se quer banir de si, se raptar.

Arrumada, empilhada ao acaso, na bórda d'agua, a carga d'uma *gaiteira*, o argaceiro abandona-a como um nadador que depozesse a porto seguro um corpo humano e se fizesse logo á agua, para ir arrebatat aos monstros marinhos mais vidas arriscadas.

Por trás d'elle, lá está a mulher, o sogro, os filhos que com outras *ganchôrras* puxarão a prêsa mais para dentro de terra.

Quando a abundancia cogular a balisa e preciso fôr atirar para cima da méda com novas cargas, então funcionará a padiola, uma padiola agricola, summario engradado de troncos de pinheiro; chegará á beira d'agua onde pousará para ser coberta d'uma pilha de sargaço, carreada e guindada, a braço, para o monticulo da baliza, e o carrêgo remessado como quem tomba um carro de terra para o ventre d'um aterro.

E' o auge da messe!

No ar, como armas gladiadas, as varas e os pentes das *ganchôrras* no acto de fenderem a agua; turbas de homens de *branquêta* dão uma imponencia guerreira d'outras éras ao quadro de costumes, por onde formiga a escrava minhôta; saem sargaceiros á agua, voltam outros segurando as *gravêtas* pelos bórdos dos dentes á guisa de taboleiros, repletos de rama colorida que arrasta pela praia, como bandejas de flôres.

E a breve trecho, toda aquella toalha d'areias d'oiro fica alcatifada d'uma cobertura chromatica d'argaço, de limos, d'algas verdes-mar, lilazes verdes-escuro, que disfarçam o sólo do seu matiz riquissimo e inundam o ar do cheiro ácre do iodo.

A praia extensa desde logo se acanha para trapiche d'essa industria extractiva que a grande percentagem de phosphoro e de potassio tornam, depois de secco, um precioso adubo.

Por toda a Apulia, desde os tectos palhiços aos cunhaes da Apulia-velha pelos caminhos, pela estrada, pelos campos, o sargaço annuncia a sua presença fecundadora, desde as portas das Necessidades,<sup>6</sup> onde já se sente no ar um franco, activo cheiro que não é bem o da maresia mas sim do argaço, seccando em médas ao ar livre, promettendo fertilidades á terra.

As tardes de desembarque do *pilado* (caranguejo), com o seu tumultuar de carros de bois, mettendo meia roda n'agua, para as embarcações — ainda de vêrga ao alto e vela já arreada — vararem o lastro, são uma miniatura mesquinha a par d'essa apanha de sargaço, durante a qual a Apulia, do seu natural tam só, tam poeticamente melancolica, fica negra de gente e mostra a sua energia populatoria, que augmenta ás duzias como os caranguejos.

Sobrios, dignos, sem saber o que é pedir esmola, os povos da Apulia teem no sargaço uma obscura fonte de riqueza, havendo tardes em que essas folhas viscosas que coloram a areia valem contos de reis, como ha lavradoresinho que só no argaço faz, por anno, para cima dos seus seiscentos mil reis, sobre os quaes a Fazenda não estende a garra leonina.

São as tardes grandes, as tardes fartas d'Apulia em que o mar junca d'oiro

<sup>6</sup> Freg. do conc. de Barcellos, muito proxima da Apulia.

a terra exangue, como se a cheia d'uma levada em furia expellisse os despojos da caudal depois de haver rebentado e trazido na enxurrada os jazigos d'uma mina! tardes em que a pequenez e a obscuridade da Apulia se vingam na grandeza e na tipica originalidade d'um quadro de costumes que dá vontade de perguntar, com a mesma tristeza de Antonio Nobre:

Onde estão os pintoras do meu paiz estranho  
Que vêem tudo isto e não veem pintar?



UM BOTE CARREGADO DE «FLOR DE MAIO»  
— UMA PADIÓLA DE SARGAÇO — GRAVETAS CARREGADAS DE «FLOR DE MAIO»

## Guia de Espozende

**Meios de comunicação** — Duas linhas ferreas servem o concelho de Espozende: a do Minho e Douro, dos C.<sup>os</sup> de F.<sup>o</sup> do Estado, e a de via reduzida dos *Caminhos de Ferro do Porto á Povia e Famalicão*.

O passageiro que tome a 1.<sup>a</sup> linha sae em Barcellos e de lá dirige-se em diligencia ou em trem, consoante as suas posses, para Espozende; quem tomar a 2.<sup>a</sup>, apeia-se na Povia de Varzim, d'onde segue por Espozende, em diligencia ou em carro fretado.

Por Barcellos são 58 kilometros, a contar da Estação de S. Bento, Porto, cuja viagem, em que se gasta 1 a 2 horas conforme os comboios, custa em 1.<sup>a</sup> classe 1\$040 réis, em 2.<sup>a</sup> 810 e em 3.<sup>a</sup> 570. Ida e volta, menos 25 %.

Bilhetes de banhos validos por 60 dias, á venda desde 15 de maio a 31 de outubro.

Pela Povia são 28 kilometros, desde o Porto, partindo a linha da P. Mousinho d'Albuquerque (antiga rotunda da Boa-Vista), e fazendo o percurso em 1 h. 15' nos tramways e em 1 h. 30' nos comboios ordinarios.

Nesta companhia ha só 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe, custando a 1.<sup>a</sup> do Porto á Povia 550 e 2.<sup>a</sup> 320. Cada passageiro tem direito a 30 kilos de bagagem em ambas as linhas.

Nos tramways o preço da passagem é um pouco mais elevado, não sendo admittidas bagagens. Tanto uma como outra linha vendem correspondencias para todas as outras linhas nacionaes e estrangeiras.

A linha da Povia tem bilhetes validos por 30 dias na temporada balnear.

**Trens de praça:** — Um carro fretado pode custar, da Povia de Varzim á Apulia, 2\$000 a 2\$500; e da Povia a Fão ou Espozende, mais dez tostões, o maximo. Ida e volta 4\$000 réis. Preferir a alquilaria de José Galliza, séria, e incapaz de abusos, um dos alquiladores mais importantes do Porto. R. do Principe, 15, Povia.

**Diligencias:** — Uma carreira de diligencias liga a Povia de Varzim á Apulia, Fão e Espozende, cortando um pittoresco trecho de estrada, demorando umas duas horas no percurso e custando o trajecto de um a outro dos seus pontos terminaes — 200 réis, cada logar. Cada passageiro tem direiro a 8 k. de bagagem. Partidas: da Povia, 4,40 t.; de Espozende 5 h. m.

A diligencia de Barcellos a Espozende-Fão sae pela manhã e á noite, sendo esta a portadora do correio. Espozende tem estação telegrapho-postal, cujo chefe é o 2.<sup>o</sup> aspirante Antonio Domingos Lopes, que, sem faltar aos seus deveres, é attenciosissimo com o publico.

**Estabelecimentos:** tem poucos mas bons, para os quaes o forasteiro apellará se se lhe quebrar o botão do collarinho ou se se lhe acabarem os charutos.

**Pharmacias, e Medicos** como o dr. João de Barros, filho da Universidade.

**Advogados,** illustres e serios, como o dr. Fonseca Lima, conservador da comarca.

Pode-se ir affoitamente a Espozende porque com saude ou sem ella, nós não recebe mal a pittoresca villa.

**Casas Brazonadas:** — só uma, a da familia Fogaça, de que descende Francisco Fogaça, cujo coração a morte do inspirado poeta Antonio Fogaça enlutou para sempre.

**O que ha a ver em Espozende:** A villa de Espozende não tem monumentos nem reliquias d'arte ou de archeologia a visitar.

A não ser um modesto busto em bronze ao mestre dos jornalistas portuguezes, Antonio Rodrigues Sampaio, ministro de Estado, autor do famoso pamphleto o *Espectro* e redactor da *Revolução de Setembro*, monumento levantado em frente á *Matriz*, onde ha um pouco de talha; a não ser as telas da *Misericordia*, e o desmantelado *Forte*, Espozende pouco ou nada nos diz do Passado.

Para quem quizer matar o vicio da obra d'arte ou quizer aproveitar o tempo, indo a Espozende deve fazer uma visita a Barcellos<sup>7</sup> e outra á Povia, dar um pulo a Villa do Conde, (20 minutos de americano) para admirar, pelo menos, a *Matriz* e o

7 A duas horas de caminho de carro, por uma bella estrada, quédá Barcellos, que merece a visita de cultos e incultos, pelas suas bellezas naturaes e os seus monumentos tam ligados á historia da dynastia de Bragança e á historia de Portugal.

Vide informação minuciosa no *Guia Illustrado de Barcellos*, por Joaquim Leitão, á venda em qualquer livraria.

edifício da *Casa de Correção* (antigo mosteiro). Em seguida Rates (ramal da Povia a Famalicão) cuja matriz — monumento do sec. XII, que offerece analogias com a Sé de Braga —, é digna de ser visitada como uma bella pagina do romanico em Portugal<sup>8</sup>. A historia contemporanea não foi mais prodiga com Espozende do que o Pasado. Apesar de O Mar (freg.<sup>a</sup> do concelho de Espozende) ser a patria de Antonio Rodrigues Sampaio, o ministro de Fontes, saído muito novo para um cartorio de Barcellos, esqueceu o berço e nada fez pela sua terra. São os homens publicos de hoje, como o dr. João Caetano da Fonseca Lima — um elevado character que todo o concelho reconhece sem discrepancia e com justiça; como o dr. João de Barros, como o Rev. Manoel Martins Giesteira, Reitor das Marinhas, como o conego abbade de Gemêzes José Manoel de Sousa, são emfim os politicos de hoje que agora vão cuidando do progresso material de Espozende, começando, primeiro que tudo, por lhe dar hygiene e conforto. Assim, as aguas estanques que o mar deixava na margem da villa, num rectangulo que se ficou chamando *doca* e eram um attentado á saude publica, lá estão já meio aterradas, constituindo esse aterro um dos tropheos mais brilhantes que o dr. Fonseca Lima deixou cravado na sua vida publica e que, por signal, lhe custou alguns desgostos. A *Alameda*, os *Soccorros a Naufragos* são instituições dos homens de hoje. Para a séde da *Assembléa*, já está marcado o terreno onde em menos d'anno será levantada a planta de Ventura Terra, elegantissima e artistica. Funda-se um *Club de Caçadores* e joga-se o *tennis* todas as tardes. Para uma villa pacata e recente já não é pouco, é muitissimo. Nos passeios a dar não esquecer a *Barca do lago* e o *Marachão*. — São tradicionaes. E, para quem tenha relações que lhe possam proporcionar esse prazer, indicamos uma visita á Quinta de Bellinho, do sr. dr. José Bernardino d'Abreu Gouvêa, que todo o norte elegante, culto e bem-nascido tem visitado, chamado pela fama das suas rosas, e cuja mesa de jantar não é difficil, no mez das rosas, ver illuminada por cem ou cento e cincoenta exemplares, todas differentes. O dr. José Bernardino é o beneditino dos jardins minhótos, o homem de gosto e o homem culto mais verdadeiro que conhecemos, vivendo dentro d'uma bibliotheca (que já obriga a catalogo), exaltando e soffrendo, do seu canto, as formosuras e os desaires patrios, e descansando as horas do sol numa obra prima ou no panorama das suas fradescas janellas que abrangem um prodigo sector de Azurara ao mar de Vianna. Uma tarde em Bellinho, por esse encanto de estrada, nunca mais esquece!

## Guia de Fão

**Meios de comunicação:** Vide pag. 17.

**Correio:** Estação telegrapho-postal.

**Estabelecimentos:** alguns de primeira ordem.

**Pharmacias:** *Central*, do sr. Ramalho; **Medicos:** dr. Moreira Pinto e dr. Manoel Augusto d'Oliveira Pinto.

### O que ha a ver em Fão :

Além da *Matriz*, da *Alameda* e d'um passeio á sua esplendida praia, por facil estrada, a *Escola Amorim Campos* —, instituição que encontrareis em todas as freguezias de Espozende, o concelho talvez mais apetrechado para combater o analfabetismo — e o *Hospital-Asylo de S. João de Deus*.

Logo o vereis, construído no melhor local de Fão, a meio d'um terreno farto, vivendo em casa sua, sem dependencia de vizinhos.

Ainda por inaugurar — talvez o seja agora em setembro —, esse palacio da saude para uma população de cincoenta habitantes entre doentes e asylados, se não sobra, já chega para hospital de uma freguezia; construído agora, modernamente, sob a direcção d'um clinico muito pratico, como é o dr. Moreira Pinto, presidente da commissão encarregada da construcção, fica o Hospital de Fão com todos os requisitos d'uma installação modélla.

Com a maxima cubagem exigida — 60 m. c. —, a esse edificio hospitalario, luxuosamente amplo e arejado e alumiado, não lhe falta ar nem luz.

Dividido em duas alas, a da esquerda reservada ao hospital, a direita ao asylo, as enfermarias são salões que devem aterrar o microbio quando elle se vir ali bloqueado, afogado, naquella densa massa de ar e de luz.

Um quarto do banho no rez-de-chão e outro no 1.º andar, forrados de tijolo e azulejo, com uma

<sup>8</sup> «S. PEDRO DE RATES. Com uma introdução acerca da *Architectura romanica em Portugal*». Porto, 1908 — por Manoel Monteiro, um archeologo que além do seu saber e proba competencia, tem mais a qualidade, original em eruditos, de ser um escriptor de pulso, com personalidade, elegancia e rigor de expressão.

arterialisação de agua quente e fria que irriga todo o edificio, com asseados quartos particulares para todas as bolsas e cathogorias, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, com duas escadas, uma de serviço e a principal, elegantissima, bifurcando-se em dois lanços que dão fim n'uma galeria cujas paredes se vão encarregar de leiloar os nomes dos bemfeitores, uma capellinha com seu altar antigo que veio da Misericordia, o Hospital de Fão é um modelo e uma gloria, uma honra para os Fãozenses.

Fundado em 1854, e principiado com 500\$000 réis, tem hoje quarenta e tantos contos de capital e esperanças de mais trinta, em pouco tempo.

Donde veio esse dinheiro? De subsídios municipaes ou centraes? Isso, sim! Da algeibra particular: é o fallecido Antonio da Costa Corrêa Leite, pae do poeta Mario d'Artagaõ e do Dr. Arlindo Corrêa Leite, e tio do sr. Guilherme Corrêa Leite e Alfredo Rosas, que subscreve com seis contos; é a viuva do mesmo Antonio Corrêa Leite, excellente senhora, que ampara com boas e piedosas obras o Asylo; é o honrado capitalista Francisco de Campos Moraes, sempre prompto para colaborar no bem da sua querida Fão, que dá um importantissimo donativo para formação do capital: é o Parocho de Fão, Gonçalo Loureiro Cardoso Vianna que deixa em testamento toda a sua fortuna ao Hospital, sem condições, o que garante a vida do hospital; é a patriótica colonia fãozense que do Brasil se não cança de concorrer para a grandeza de Fão; é o sr. Manuel José de Magalhães, braço direito da commissão, educado em Londres e que fez a sua fortuna na America, que olha pela construcção d'um preiio que lhe fosse dar juro; é, enfim, o dr. Moreira Pinto, que tem pregado a santa causa do hospital a quantos possam saber sentir o amor de Fão e o amor da humanidade. Depois de lhe ter dado o coração para os alicerces do edificio, é ainda o dr. Moreira Pinto quem dá ao Hospital — que vae ser entregue á Misericordia assim que estiver concluido — para a sua direcção clinica, uma das mais sympathicas intelligencias saídas da Escola Medica do Porto, seu filho — o dr. Manuel Augusto d'Oliveira Pinto — como é ainda o dr. Moreira Pinto que presenteou Fão com a amizade do dr. Manuel Paes Villas-Boas, um gentleman, amigo dedicado e desinteressado dos fãozenses, apesar de ser barcellense, e cujo nome se encontra ligado a todos ou quasi todos os grandes melhoramentos locais.

Tudo quanto Fão é o deve aos seus filhos, tudo: a mesma formosissima Alamê'la, fronda-a protectora, é iniciativa particular, sendo principal contribuinte d'este melhoramento o sr. Manuel Pinto de Campo, que no Brasil, lá longe, se não esquece nem deixa esquecer os outros que elle é filho de Fão; os altares da Matriz, templosinho de tres naves, com mimos de talla e seu orgão rico; a propria Escola Amorim Campos é deixa do bemfeitor que lhe dá o nome e que fazendo o edificio o entrega á Junta de Parochia que tem de custear as escolas, porquanto o fundador nada deixou para custeio, o que foi um cereciamento da receita local, porque se essa escola não existisse o governo para lá mandaria á sua custa a devida escola official; o abastecimento de aguas potaveis da freguezia e uma estrada até o mar, que permite utilisar e praticar a linda praia do Fão, é um presente magnanimo do benemerito Antonio Veiga da Silva, residente no Rio de Janeiro.

**Colonias Escolares:** Fão tem a gloria de ser a terra onde em Portugal se fundou a primeira *Colonia Escolar*, no verão passado. Foi o sr. João Diogo, director do *Collegio da Boa Vista*, que montou em Fão, como desdobramento da sua casa de educação, essa moderna instituição das colonias balneares, o que, se honra Fão, muito honra tambem o proprietario e director do *Collegio da Boa Vista*, um dos estabelecimentos de ensino do Porto, mais modernamente e completamente montados, desde a hygiene do corpo á hygiene da alma.



FÃO: HOSPITAL-ASYLO DE S. JOÃO DE DEUS

## Guia da Apulia

**Comunicações** — O unico meio de comunicação para a entrada na Apulia é a tracção animal — diligencia ou carro. A estação do caminho de ferro mais proxima é a Povoal do Varzim, onde ha, á chegada do comboio que, da Estação da Boa-Vista, parte ás 2 h. e 15' da tarde, carreira de diligencia para Espozende que deixa o passageiro no entroncamento da estrada da Apulia. Um carro alugado na Povoal pôde custar 2\$300 a 2\$500, e, para quem vá directamente á Apulia e leve bagagem, vale a pena alugal-o, (pedidos de trens a José Gallia, R. do Principe, Povoal) porque do entroncamento das duas estradas á povoação da Apulia ainda é um estirão.

Para quem estiver em Fão ou Espozende, póde aproveitar a diligencia que passa só de manhã de Espozende para a Povia e só uma vez á tarde da Povia para Espozende. Mas como a diligencia de Barcellos a Espozende passa em Fão e ahí chega uma ás 11,30 e sae outra á 1,30, segue-se que de Fão a Espozende e vice-versa, a diligencia proporciona permanente meio de communicação.

De Fão á Apulia é que não vale a pena ir senão a pé, pelo caminho velho, por entre o ar purificado dos pinhaes. Qualquer creança ensina o caminho que tem que saber, porque é cheio de curvas e meandros por onde é facil perdermo-nos.

**Correio:** Estação telegrapho-postal.

### O que ha a ver na APULIA:

Além da sua praia que é um trecho de marinha encantador, recolhido e socegadissimo, ha:

**A Matriz** que possui uma custodia renascença, escapa á rapina franceza, escondida dentro d'um tanque. Da Matriz que já não é a primitiva, porque essa levou-a o mar, vê-se para sueste uma povoação ainda pertencente á Apulia, que tem 120 fógos, e, junto a essa, outra que se chama Amparo, tendo uma capella com prerogativas reaes e que tem a lendaria virtude de enxotar o diabo, virtude que chama muitos gallegos, endemoinhados que vão lá para que o parcho lhes tire o diabo do corpo, bem como muitas mulheres, no tempo ardente e pesado das ceifas, que assim se eximem ao trabalho.

Entre a Apulia e Estella ha o logar de Villa Mendes onde as excavações teem encontrado objectos d'ouro e moeda.

**O Pelourinho:** que estava apeado e que a Junta da Parochia trata n'este momento de reconstituir:

**A Pesca:** muito farta, a praia da Apulia offerece aos amadores um facil entretenimento. Vimos creanças de onze annos pescar nas aguas da Apulia, n'um pedaço de manhã, camarões para o almoço d'uma familia numerosa.

**A Caça:** o caçador do norte conhece a Apulia pela perdiz do Amparo, pela codorniz em que toda a Apulia é riquissima, pela narceja e pelo pato bravo das lagôas que se encontram, em systema, desde as Necessidades, freguezia de Barcellos, até um pouco ao norte da Apulia. Uma d'essas lagôas tem talvez dez braças de fundo mas coberta de touças de canaviaes, que cortam o grosso calçado de caça como serras, não mostra ter mais de um palmo, sendo portanto perigosissima. Pode-se saltar perfectamente por cima d'ella, porque os primeiros dez centimetros são rijos e custam a rebater com o ferrão d'uma bengala; d'ahi para baixo, sim, é o peço traçoero e cheio de enredos. A Apulia não tem **Hoteis**; apenas no verão, e não é todos os annos, abre um restaurante de arrabalde, especie de retiro, tendo tambem uma mercearia na Apulia Velha onde se serve qualquer petisco. Quem quizer regalar-se na solidão da Apulia alugará uma casa que as ha por lá, em conta.

A Apulia não tinha até ha pouco ruas baptisadas. Mas, certa manhã, na esquina da rua que conduz á matriz, appareceu um letreiro em papel azul com estas letras pintadas a branco:

#### RUA D. MANUEL II

Sem sancção da camara, na mesma semana em que nas Côrtes El-Rei D. Manuel confirmava o seu juramento de monarcha constitucional, esta manifestação anonyma foi uma aclamação, a aclamação anonyma do povo. E tal significação tem o facto, que a Camara de Espozende devia confirmar a cognominação da rua, registando na acta que a indicação lhe viera expontaneamente dos seus municipes, n'um movimento anonymo e sincero.

A praia da Apulia é frequentada por illustres familias de Braga e de Barcellos, como a dos srs. Viscondes da Fervença, dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz, e muitas outras, que teem casas proprias, vendo-se, por isso, alguns edificios bons, de que destacamos pelo arzinho rustico e simples a casa do sr. commendador Eduardo da Fonseca, do Porto, e a casa do sr. conego Francisco Maria de Souza, que é já um palacête, situado no local mais poetico da Apulia e construido com elegancia e com arte, segundo planta do sr. Antonio Silva, prof. da Academia Polytechnica do Porto. E' em qualquer parte uma inspirada vivenda.

# OPINIÃO DA IMPRENSA

## BARCELLOS

GUIA ILLUSTRADO por JOAQUIM LEITÃO

São inegualáveis as formosuras da nossa terra. Desde a esplendorosa paisagem minhota até ao mimoso jardim do Algarve pode dizer-se que mal ha retalho da patria em que a vista não pouse com amor e o espirito não contemple com deslumbramento. Montes e veigas, rios e valles, tudo se afiguram transplantações da Arcadia que conhecemos através a evocação dos grandes poetas.

Com uma patria assim linda, orgulho de nacionaes e assombro de estrangeiros, seria impossivel que o nosso temperamento imaginoso não tivesse registado em poesia e em prosa as doces emoções que desperta o vel-a de perto, o viajar por ella.

De facto muitos dos nomes mais gloriosos da nossa litteratura celebraram em escriptos que andam na memoria de todos as incomparaveis bellezas da natureza em Portugal.

Ocorrem-nos, de passagem, a deliciosa invocação com que Thomaz Ribeiro abre o «D. Jayme», o primoroso livro de D. Antonio da Costa «Minho» e o admiravel «Minho Pittoresco» de José Augusto Vieira.

Mas todas essas obras, se lisonjeiam o amor proprio nacional pelo bem que dizem da terra, se encantam pela formosura e pureza d'estylo que as distingue, confinam-se todavia nos dominios da arte pura e falta-lhes o caracter pratico, a feição utilitaria.

E agora que começa a vulgarisar-se entre nós a tendencia para visitar e estudar o paiz, agora que a facilidade das communicações e a noticia das bellezas de Portugal começa a attrahir o estrangeiro torna-se de reconhecida necessidade a publicação de livros indicadores, guias do viajante que apontem tudo quanto ha digno de ver-se quer em aspectos naturaes quer em monumentos d'arte e esclareçam sobre tantos pormenores indispensaveis a quem viaje, taes como meios de transporte, horarios, hoteis, etc., etc.

Essa tarefa de incontestavel utilidade pratica vem-na realisando Joaquim Leitão com a publicação de successivos guias, referentes ás mais pittorescas estancias portuguezas, as quaes constituem outras tantas separatas de um livro que, concluido, será certamente o mais completo e mais documentado inventario de quanto em Portugal ha digno de ver-se e admirar.

Temos presente o «Guia Illustrado de Barcellos» que é o quarto ou quinto da série. E' um verdadeiro primor. Além de impresso em papel de luxo e enriquecido com preciosas photogravuras, além de conter todos os informes e indicações precisas a quem visite a encantadora villa minhota, tem para nós uma qualidade que especialmente o recommenda e que o faz sahir da especialidade puramente utilitaria dos guias vulgares para o fazer entrar no genero authenticamente litterario.

E' que Joaquim Leitão é um escriptor de raça e um dos melhores prosadores portuguezes da actualidade.

Temperamento fundamentalmente artistico, sabe ver o bello onde quer que elle se encontre; e o poder com que domina a lingua, os recursos do seu estylo tão elegante como sóbrio, dão ao seu descriptivo o relevo e as nuances que só o pintor logra fixar com as tintas.

Lendo-se as paginas evocadoras do «Guia Illustrado de Barcellos», em que uma palavra recorda uma pagina da historia, um breve commentario avulta o interesse d'um costume, uma phrase enternecida reproduz a visão d'uma passagem que um deslumbramento gravou para sempre na memoria, quasi se sente pena de ver Joaquim Leitão, predestinado pelo seu talento para obra mais alta, entregue á tarefa secundaria de escrever guias.

Mas, reflectindo melhor esse sentimento desvanece-se. A nossa linda patria tudo merece.



## BARCELLOS

GUIA ILUSTRADO por JOAQUIM LEITÃO

«Joaquim Leitão, escriptor de fóros já radicados e traductor de me-recimento, é bem conhecido do publico por numerosas obras originaes e vertidas do francez e italiano, devendo entre todas notar-se esse valioso livro ha pouco ainda publicado, e que se intitulava *D. Carlos o Des-venturoso*.

Anda agora o illustre paysagista litterario convertido em amavel ci-cerone pelas cidades, villas e povoações importantes do paiz fornecendo ao viajante curioso informações ligeiras sobre tudo quanto ha na terra de notavel e que possa despertar a attenção, desde o monumento artistico ao panorama, á paysagem, desde a indicação das casas de linhagem á enu-meração dos homens notaveis na sciencia, nas letras, nas armas, nas artes.

As impressões diversas colhidas em diferentes pontos e todos os apontamentos uteis que podem interessar e aproveitar ao viandante vae Joaquim Leitão reunindo-os em pequenos volumes illustrados e bella-mente impressos, tendo já publicado as guias referentes á Povoação ás Caldas de Vizella, á Foz, Leça, Mattosinhos e Lavadores, e finalmente a Barcellos.

É esta a ultima publicada e que temos presente. Escusadas são re-ferencias especiaes, desde que se saiba que Joaquim Leitão elabora as suas guias com esmero, minuciosidade, e, acima de tudo, com arte.

A importancia d'estas publicações resalta, tambem, evidente, porque não só contribuem para tornar mais conhecida a terra de que se occu-pam, mas são ainda um grande e indispensavel auxiliar de todo o *tour-iste* ou viajante.

Os opusculos em questão são magnificamente impressos na Typo-graphia da Empreza Litteraria e Typographica, rua de D. Pedro, 184—Porto.

Ao sr. Joaquim Leitão agradecemos o exemplar que gentilmente nos offereceu.

(De *A Palavra*, 29 Julho 9 8.)